

INÊS PEDROSA

Isabel Lousada e Ângela Laguardia

Inês Pedrosa nasceu em Coimbra, em 15 de Agosto de 1962. Da sua professora primária, Virgínia Rodrigues, veio o amor pelos livros e do avô materno, Domingos Pereira, o grande incentivo literário: “contava-me a história de Portugal e declamava Camões, enquanto me passeava de barco a remos no rio Nabão. Ele é o avô Matias no meu primeiro romance *A Instrução dos Amantes*” (JL, 2004: p.44).

Em 1984, licencia-se em Ciências da Comunicação, na Universidade Nova de Lisboa; No *Jornal de Letras*, adquire pela prática o “curso de jornalismo, de literatura, de cultura, de vida” (JL, Agosto, 2002), convivendo com António Mega Ferreira, Augusto Abelaira, Eduardo Prado Coelho, Jorge Listopad e Fernando Assis Pacheco. Passaria depois pelo *Independente*, pelo *Expresso*, pela revista *Ler* e, finalmente, pela revista *Marie Claire* (entre 1993 e 1996), além de ter tido algumas experiências em rádio e televisão.

Inês Pedrosa tem sido uma animadora constante de laços nacionais e internacionais, promovendo autores, através de colóquios, exposições, lançamentos. Nos primeiros dias de Abril em 2009, a Casa Fernando Pessoa acolheu o Colóquio Clarice Lispector (1920-1977). Deu-nos o gosto de participar no primeiro dia de Julho, no Encontro promovido por Faces de Eva, na FCSH, com Angela Laguardia, sobre “A crónica e os estudos femininos em Clarice Lispector e Inês Pedrosa”, apresentada por Isabel Lousada. A primeira vez que esta se aproximou de Lispector foi através da tese de Alda Correia, agora em livro, *A Quarta Dimensão do instante: Estudo comparativo da epifania nos contos de Virginia Woolf, Katherine Mansfield e Clarice Lispector*. Nenhuma das três acredita em coincidências e a teia para a nossa aproximação surge do trabalho, através da literatura, pela mão de uma autora que é uma referência mundial. Assim nasceria o projecto desta entrevista. Inês fez a sua licenciatura na Universidade Nova de Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, onde lembra com alegria ter conhecido grandes vultos da literatura portuguesa contemporânea, como o saudoso Eduardo Prado Coelho, com quem “nesta nossa casa” partilhou a atmosfera saudável da “liberdade para pensar”. Esta profícua escritora é também a jornalista de espírito jovem, dinâmica e com muita garra, que confessa nutrir admiração por Roland Barthes: “Com Roland Barthes aprendi a deslocar o coração para o espaço exterior ao corpo, a cabeça para a superfície

da pele e o espaço para o lugar do coração. Aprendi a não temer a deslocação, a experimentar o sabor do saber, a desviar a alucinação para a sua margem de trêmula lucidez, e a amar essa margem, a dificuldade de a dizer, a necessidade de viver obstinadamente sobre esse fio frágil” (PEDROSA, 2005:155). Nós sentimo-la próxima de Gilles Deleuze e Walter Benjamin. Elegemos a frase “a minha paisagem são as pessoas”, como capaz de traduzir a humanidade que congrega em textos e relações: enfim, a sua forma de estar no mundo. Inês Pedrosa atribui às palavras o dom alquímico: “acredito que as palavras transformam o mundo!” Razão bastante para desafiar constantemente “a brancura muda da página”, oferecendo-nos títulos tão emblemáticos e catalisadores como *Fazes-me Falta*. É Eduardo Prado Coelho quem, em 2002, nos premeia com este final, na apreciação feita à obra: “Como diria Alberto Caeiro do rio da sua aldeia: “quem está ao pé dele está só ao pé dele.” E é a voz dela que vai deixar a palavra positiva: “Estou à tua espera num sítio onde as palavras já não magoam, não ferem, não sobram nem faltam. Esse sítio existe.”

FE- Já faz mais de um ano (11.02.09) que foi convidada a dirigir a Casa Fernando Pessoa. Como recebeu esse convite?

IP – O convite, para ser sincera, recebi com surpresa, com o agrado de se terem lembrado de mim, mas a minha primeira resposta foi não, não, não. Não estou à procura de um emprego das nove às cinco. Depois falou-me Francisco Viegas, o anterior director: não é das nove às cinco! Aquilo é muito tranquilo. E, de facto, o contrato não tem qualquer horário.

Só que eu devia ter-me conhecido melhor. Estava muito centrada em ter tempo para escrever, porque durante anos no jornalismo, não o conseguia ter. Quando tinha jornalismo, fazia jornalismo a tempo inteiro, não tinha tempo para pensar, para ler, disponibilidade mental; e, depois de ter deixado o jornalismo, na realidade, até foi o jornalismo que me deixou a mim; mas enfim, depois dessa mudança de vida, habituei-me a ter outros tempos e até não me habituei muito, porque as pessoas solicitavam-me para muitas coisas fora de Lisboa, animei várias comunidades de leitores ao longo dos anos em bibliotecas pelo país todo e estava numa fase em que pressentia que precisava mesmo assim de aprender a dizer que não, daí a minha reacção inicial; mas, por outro lado, o Francisco disse-me que não havia obrigatoriedade nenhuma e o facto de não haver livro de ponto já me acalmou e depois acabei em vez de entrar às nove, porque de facto nunca entro às nove, e sair às cinco, entro às onze às vezes ao meio-dia e saio à meia-noite, ou à uma.

Por um lado, já tinha carinho pela Casa, conheço a Casa desde o início, sempre gostei muito do projecto e, a equipa é muito estimulante. Entrei em Fevereiro, tinha começado o ano dos 120 anos do Fernando Pessoa, achei que tinha pelo menos que experimentar e, de facto, estou muito contente por ter aceite, porque tem sido muito entusiasmante, embora prejudique o meu trabalho mais pessoal, a minha trajectória mais definida, que é a escrita. Mas digo sempre: prejudica mas também alimenta, até porque necessariamente fui reler Pessoa. Ainda agora, ando a reler, em particular o *Livro do Desassossego*, porque temos uma série de acções pensadas para o ano que vem em torno do *Livro do Desassossego* e é um livro tão inspirador que também acaba por me alimentar como escritora: o contacto mais directo, mais diário com a obra de Pessoa.

Por outro lado, tinha saudades de trabalhar em equipa e de fazer projectos, ou seja, há um lado meu que tem a ver com os vinte anos, mais ou menos, de jornalismo que exerci, que gosta da adrenalina, de ter datas para cumprir, de ter projectos com outras pessoas, de ter impossíveis para alcançar, de ter de fazer um texto em muito pouco tempo, ou de não ter condições para e arranjar essas condições e, portanto, isso acaba por me estimular e como: desde que o grupo seja bom, nem noto que estou a trabalhar; é uma coisa que me entusiasma mesmo e aqui foi o que aconteceu; portanto, entusiasmei-me muitíssimo, havia muito entusiasmo disponível. Até porque a Casa também tinha muito poucas condições materiais de funcionamento no período em que entrei. O orçamento anual da casa para actividades era de 15 000 €, o que não dá para nada. A Casa faz parte da Câmara Municipal e tinha havido uma certa desistência das pessoas de lutarem contra a falta de dinheiro e contra a máquina, porque às vezes nem é tanto a falta de dinheiro e eu isso percebo muito bem. Mas o facto de, para qualquer pequena acção se ter de fazer vinte procedimentos, quarenta mil officios, muita burocracia, ou seja: conseguir ter sempre papel higiénico nas casas de banho era uma complicação, as pessoas da casa pagavam as águas dos debates em *roulement* entre elas e sentiam-se já muito desgastadas. A Câmara estava numa situação particular, tinha mudado a gestão há pouco tempo, estava de facto com um buraco financeiro enorme e tinha passado por um período de gestão conturbada, que se reflectiu também nas condições da Casa. Consegui, por um lado, ter a compreensão, que não o dinheiro, do presidente da Câmara e do Executivo para o facto de que isto tinha de funcionar de outra maneira. Claro que as coisas demoram. Por exemplo, vamos reabrir a cafetaria, que estava desactivada, e vai ser transformada em restaurante.

FE – Um espaço mais agradável...

IP – Um espaço mais agradável, que nos permitirá, com bom tempo, fazer actividades ao ar livre. Temos uma escada lindíssima, que também que temos de reparar. Para acontecimentos musicais, podem utilizar-se as traseiras do edifício. Enfim, este é o exemplo mais vistoso, mas do ar condicionado, que não funcionava, aos problemas eléctricos, há toda essa parte estrutural que se foi resolvendo a pouco e pouco, com o apoio da Junta de Freguesia local e das outras duas freguesias ligadas a Pessoa, que se uniram para nos ajudar a equipar a Casa; portanto, foi uma boa sintonia.

FE - Sendo público que sucedeu a Francisco José Viegas, que por sua vez sucedera a Clara Ferreira Alves, tendo sucedido a Manuela Júdice, pode dizer-se que os dirigentes formam uma maioria qualificada de mulheres, dirigindo a casa de um homem?

IP - Aqui é particularmente irónico, não? Costumo dizer que esta casa nasceu com uma mulher, porque o projecto nasceu de facto com a Manuela Júdice, e com muita paixão da parte dela e com muito empenhamento e, se temos o acervo extraordinário de pintura que temos devemos-lo a ela, claro. Depois, os directores fazem o que podem consoante o facto de isto estar tão dependente da política camarária e às vezes demasiado dependente directamente do poder político - que não é só o do presidente da Câmara, porque o nosso orçamento teve de ser aprovado também pela oposição. As pessoas às vezes não têm noção porque o governo central pode fazer imensas coisas, há muita legislação que pode não passar pela Assembleia e tudo o que se decide na Câmara passa pela Assembleia Municipal e um governo minoritário tem muita dificuldade, mas mesmo muita, em fazer passar as coisas. Portanto, o espectro de acção de um presidente é muito limitado e numa casa onde não há pão há sempre problemas, porque não há dinheiro à partida para nada.

FE – É quase uma luta pela sobrevivência?

IP – Tenho concentrado os meus esforços em conseguir transformar a Casa numa Fundação Municipal - já outros directores, aliás, tinham falado disso. Temos os Estatutos prontos e, sem essa transformação, não nos é possível crescer, nem dar a Pessoa a expressão que o mundo inteiro – à excepção de Portugal - entende que ele merece!

FE - Criar uma imagem de independência, talvez?

IP – Com a Fundação, a Casa fica com um corpo gerente e com uma autonomia; passa a ter gestão própria, uma capacidade de decisão muito maior, porque todo o dinheiro que qualquer equipamento cultural faça vai para a Câmara Municipal. Sem autonomia, não

temos a hipótese de cobrar ingressos, nem de rentabilizar as actividades através da venda de produtos com a marca Pessoa. Por outro lado, criámos um projecto educativo sério e continuado. Estamos a fazer uns cadernos para distribuir pelas escolas de Lisboa: são 88 escolas e 15 000 alunos e a imprensa municipal não tem capacidade, de repente, para fazer uma tiragem dessas mas vamos a pouco e pouco. Vamos começar por trabalhar com umas dez escolas, com um caderno que se chama *Clube Pequenos Pessoas* que é um resumo da vida de Fernando Pessoa e dos heterónimos, com os seus poemas infantis, que são muito divertidos e com exercícios lúdicos. Vamos pedir aos professores que aquele caderno faça parte do programa do ensino básico, 1.º ciclo, e nós vamos acompanhando o trabalho. Temos, em permanência, ateliês de expressão musical, de expressão poética e de expressão plástica e os miúdos fazem coisas maravilhosas: fizeram Lisboa toda com reciclagem de cartão, fizeram esta rua e a Casa Fernando Pessoa. São extraordinários.

Já fizemos uma exposição de quartos de Pessoa. Entretanto, recompusemos o quarto como era, com alguns móveis autênticos, que tínhamos, com as estantes e a cómoda. A Casa esteve «alugada» ao Alberto Caeiro, e agora está «alugada» ao Ricardo Reis, sobre o qual existem duas exposições, no 3.º andar, como houve já sobre Álvaro de Campos. O quarto, notavelmente reconstituído por uma extraordinária dupla de funcionárias da Casa – Gabriela Maldonado e Noémia André –, está habitado pelo médico Ricardo Reis e inclui, na antecâmara, o seu consultório. A primeira directora teve uma ideia muito original, que funcionou durante uns anos, que foi entregar o quarto a artistas plásticos para a respectiva recriação. A opção agora é manter o quarto tal como era em vida de Pessoa – esta é, afinal, a sua Casa-Museu –, mas transformá-lo em função da personalidade dos heterónimos que o vão habitando. Em 2011, vai ter a personalidade de Bernardo Soares e vai ser o ano do Desassossego, esperemos que haja dinheiro para o desassossego; mas, se não houver, inventa-se.

Depois, há o problema dos livros da biblioteca pessoal de Fernando Pessoa, que possuímos, cerca de 1140 volumes, que necessitam de restauro e para o qual conseguimos um orçamento parcial. Como Pessoa escrevia muito a lápis, e este desaparece com o sol então, pusemos os livros na cave. Estão fora da vista, mas estão disponíveis para os investigadores. Uma equipa de investigadores ofereceu-nos a digitalização completa e gratuita da Biblioteca, que está pronta e vamos colocar online dentro de muito pouco tempo, disponibilizando ao mundo essa biblioteca preciosa, porque profusamente manuscrita.

Esta casa é muito alegre, mas não é nada a casa que era quando ele cá vivia, porque o prédio, quando a Câmara o comprou, foi reconstruído, pensando já em fazer dele um centro cultural, mas com a ideia de, e muito bem, de se manter o espaço do quarto tal como era.

Agora também acho que o museu não pode ser sempre só a mesma coisa, que é para as pessoas terem vontade de vir vê-lo. E, como ele toda a vida foi tantos, o quarto vai mudando consoante as personalidades dele que lá moram.

Às vezes as pessoas esperam que a Casa esteja como era em vida dele. Mas, além de Museu, a casa é um centro cultural e tem a única biblioteca pública especializada em Poesia. E tem um excelente acervo de pintura – Almada Negreiros, Júlio Pomar, Jorge Martins, Pedro Proença, etc. A Casa está situada num bairro residencial, fora do circuito turístico, mas com bom comércio. Tem o problema da falta de metro (embora planeado), e de pouco estacionamento. A sinalética de Lisboa também não ajuda, não sei como é que um estrangeiro aqui se orienta. Mas, temos o 28, que é um eléctrico turístico que vem do Chiado, e até já pensei, embora com a Carris até agora não tenha sido fácil, que esse eléctrico podia ter os desenhos de Fernando Pessoa, pagava com todo o gosto a pintura!

FE – O facto de ter vasta experiência como jornalista, faz de si uma líder *sui generis*? Recordamos a rubrica que inicia para o *Expresso*, intitulada “Crónica Feminina”, tendo sido convidada a desenhar e dar-lhe vida, enquanto coluna “supostamente” de leitura “cor-de-rosa”. De um modo inteligente e arguto, conquistou para esse espaço os grandes temas da condição feminina da época que ainda hoje são marcos da história feminista portuguesa. Como era, então, escrever no feminino?

IP – Não sei o que é escrever no feminino. Creio que há marcas culturais do feminino na escrita, como há do masculino. Só admitirei voltar a falar do feminino quando se fizer o confronto com o masculino. Agora, olhar para essas marcas é um bom pretexto: a partir da literatura, ver o que há de masculino e de visão feminina. Temos o problema de achar que a legislação já nos equipara, que a igualdade está legalmente conquistada (estou a falar de Portugal e do Ocidente) e, portanto, que já não há o problema do género, mas esse problema subsiste, mesmo nas sociedades que acham que já não têm esse problema, em marcas culturais muito específicas que não estão a mudar tão depressa como esperaríamos. Nós não classificamos as mesmas acções da mesma forma, se

forem feitas por um homem ou por uma mulher, em muitos campos. A escrita traduz isso e às vezes traduz isso de uma forma involuntária, muito forte. Por exemplo, uma das coisas do feminino é que perguntam sempre a qualquer mulher que tenha uma actividade pública, entre muitas outras coisas mais óbvias, como é que concilia a actividade pública, seja ela economista, seja ministra, seja escritora, com as actividades domésticas, e não perguntam isso aos homens. Além disso, perguntam sempre às escritoras: como é que consegue quando faz figuras masculinas pôr-se na pele de um homem? Nunca perguntam a um homem, nunca perguntam ao Saramago. Podem dizer: a Blimunda é extraordinária, mas como é que se pôs na pele da Blimunda? Como? Acham isso normal? Porque um homem é um deus e, portanto, tem o saber, e a mulher tem sempre aquela limitação do feminino e, portanto, é suspeita quando fala de outra coisa.

No caso da Crónica, de facto, a oportunidade que me foi dada foi a de escrever uma página para a mulher, dito pelo director do jornal, ao qual aliás estou muito grata, porque, pelo menos, me deu essa oportunidade, e penso que, se olharmos para os jornais, verificamos que ainda não há uma proporção equitativa de cronistas homens e mulheres. Mas há uma questão, farto-me de a referir: as crónicas de mulheres não são citadas, consideradas, para o melhor e para o pior, não são alvo de atenção como são as dos homens que, aliás, têm o cuidado de se citar entre si, quer como adversários, quer como cúmplices. E há um outro aspecto que é muito sensível, e isto só estando na pele do cronista é que se sente, é que as pessoas pensam que me consolam, não me consolam nada até me desgostam, quando me vêm elogiar, comparando com outras. No *Expresso Revista*, escrevem as mulheres, até porque as mulheres são mais para a revista e os assuntos sérios são para o 1.º caderno, não é? O Miguel Sousa Tavares não escreve na revista. Uma colega minha, que tem uma crónica regular no *Público*, diz que, passados seis meses, perguntou ao director o que é que ele achava da crónica e ele disse: “Ah! Não tive tempo de ler, porque tenho sempre muito trabalho e tenho que ler as crónicas do Pacheco Pereira e do Miguel Sousa Tavares, para ver se há alguma coisa que tenha que comentar no editorial”. Os leitores, apesar de tudo, são mais democráticos do que as estruturas do poder. E se as mulheres têm espaço, devem aproveitá-lo. Foi o que me disse, aliás, o director que me deu a oportunidade e me reconheceu alguma qualidade, quando lhe propus uma revista feminina. E o espaço que há deve ser ocupado na esperança de ser apoiado e reconhecido. Foi assim que o director do *Expresso*, na época José António Saraiva, me disse: você não escreve nada do que eu lhe pedi que

escrevesse, não concordo com 90 por cento, ou mais, do que você escreve, mas este é um jornal livre e, surpreendentemente, as pessoas gostam. Ao que respondi: pois é.... Extraordinário aquilo de que as pessoas são capazes de gostar... E ele riu-se. O mesmo director, quando me mudei para a *Marie Claire*, aconselhava-me a arranjar um homem ou dois para a redacção, porque lhe parecia que uma redacção só de mulheres devia ser um terror. Repliquei: olhe a sua que é só de homens, ou, pelo menos, maioritariamente de homens! E os chefes na época eram todos homens. Agora, o panorama já começou a mudar um bocadinho, mas ainda não é propriamente um paraíso.

Mas as crónicas são boas não porque sejamos mulheres ou não. E porque é que nos comparam sempre? Nos homens, não há essa noção de rivalidade permanente e quando há uma rivalidade ideológica, criam-se polémicas, como na crítica violenta de Vasco Pulido Valente a um romance de Miguel Sousa Tavares. Portanto, consciente ou inconscientemente, de qualquer das maneiras, zangando-se uns com os outros ou não, eles estão por cima do mundo e eles estão a dominar o jogo e eles são aquilo de que se fala e isso continua assim. Quando, no *Fórum das Letras*, no Brasil, perguntaram a Patrícia Reis se o seu romance era sobre o amor, ela respondeu: ah claro, quando uma mulher escreve sobre o amor, é uma coisa fresca, é uma coisa cor-de-rosa, porque, se um homem escrever um romance de amor é um tratado sobre a condição humana. Porque todos os romances são romances de amor: a *Guerra e Paz* também é um romance de amor, não é? A *Anna Karenina* não é outra coisa senão um romance de amor...

FE- No desdobramento de diferentes papéis, cronista, romancista, directora da Casa Fernando Pessoa, mãe e mulher, é possível reconhecer-se como uma mulher que faz a convergência dos valores de uma época?

IP – O facto de ter tanta consciência do meu género significa que ainda não vivo em igualdade e isso sempre senti. Àquelas mulheres que dizem «eu nunca fui discriminada» até costumo dizer que tive sorte na vida, uma sorte relativa, porque trabalhei para a sorte que tive, entrei aos 19 anos para *O Jornal*, estive um ano a estagiar sem receber e, se fiquei, foi porque o meu trabalho foi reconhecido e, portanto, não tive apoios à partida, nem os desejaria, mas fiz um percurso de trabalho normal. Por exemplo, detesto que me telefonem a perguntar se arranjo emprego a este ou àquele, porque nunca telefonei a ninguém, assim como nunca telefonei a nenhum escritor. Na questão dos livros, tive a sorte de um editor me perguntar se eu não estava a escrever um romance e que gostaria muito de o ler e de o publicar, porque achava que, pela minha escrita, se notava que eu

tinha esse desejo. Portanto, tive um acesso mais fácil; mas, porque já estava a trabalhar na área da cultura, foi um percurso decorrente do meu trabalho. Também é verdade que, nos jornais, tive várias vezes que dizer que, por ser mulher, não tinha que ganhar menos do que o homem que estava ao meu lado. E ouvi chefes dizerem-me: «para que é que precisas de ganhar mais? Tu ainda és tão nova!» Devo dizer que senti muito mais esse paternalismo nos patrões de esquerda que tive do que nos patrões de direita. Quando fui para o *Independente*, cujos directores eram de direita, e me criticavam por ter aceite trabalhar com a direita, afirmei: não sei, a direita paga-me o triplo do que me paga a esquerda e diz que faço o que eu quiser e escrevo o que eu quiser porque gosta muito do que escrevo, querem ter um jornal aberto. Realmente devo dizer que nos patrões de direita senti que a competência, a originalidade e a força da escrita eram importantes e nos da esquerda senti que era eternamente «a menina». Portanto, preferi ter os patrões de direita que tive do que os patrões de esquerda: no *Independente* e na *Marie Claire*. Depois, tive problemas; mas, porque há muito uma visão que tem a ver com o puritanismo ainda do Partido Comunista, da clandestinidade, que é um puritanismo muito visível num livro como o *Até Amanhã, Camaradas!* de Álvaro Cunhal, que escreveu sob pseudónimo, em que havia as companheiras dedicadas que estavam na obscuridade e que alimentavam os homens que andavam a lutar contra o fascismo e que não se pintavam; há um homem que se apaixona por uma fulana dos correios que pinta os olhos, que usa meias de vidro e saltos altos e que é uma provocadora. Esse puritanismo sentia-o ainda nos anos 80, na Faculdade. Se vestia minissaias e punha um salto alto a malta da esquerda achava que eu era de direita porque uma mulher de esquerda não podia rapar as pernas, andava de botas do Alentejo, mesmo que fosse Verão e de saias rodadas. Portanto, havia todos esses complexos. Havia também outras situações quando fui para o jornalismo. Referi logo que queria ir para a área da cultura, mas puseram-me no Parlamento. Era um trabalho difícil e rapidamente percebi que só mandavam as raparigas porque confiavam que elas teriam mais facilidade em extrair informação aos deputados, sobretudo aos que vinham da província e se deslumbravam mais. Os chefes diziam-nos que devíamos ir com decotes amplos para o Parlamento. A certa altura, respondi a um deles: eu se quisesse seguir essa profissão, na Avenida da Liberdade, ali encostada à porta com muito menos trabalho, ganhava mais dinheiro!

Na Assembleia, também durei pouco, porque tinha um ar muito infantil. Também é verdade que andava de jardineiras, sapatos de ténis, um estilo muito infantil e por isso eles próprios desistiram, porque não tinha aquele perfil e também não fiz nada para o

ter, porque não queria ficar na Assembleia da República. Pedi apoio ao editor de cultura do *Jornal*, onde estagiava, à época, o Fernando Dacosta. Admirava imenso a escrita dele e supliquei-lhe: por amor de Deus, dá-me qualquer coisa para fazer na área da cultura! Ele lá me deu uns trabalhos e acabei por ser convidada pelo José Carlos de Vasconcelos e pelo António Mega Ferreira a ir para a redacção do *JL-Jornal de Letras Artes e Ideias*, do mesmo grupo. Porque eu já queria escrever ficção, tinha imensa vontade de conhecer os escritores, tinha imensa vontade de ler a ficção portuguesa que se publicava imenso na época. Quer dizer, agora também se publica, mas apareceu a nova geração como uma grande força do pós-25 de Abril: Lídia Jorge, António Lobo Antunes, João de Melo, Mário de Carvalho, Hélia Correia ... aquilo que me interessava. Mas, mais do que ecoar os valores da minha época, espanta-me, e já tenho escrito isso, que no século XXI ainda haja coisas que não são dadas por adquiridas, depois de todo o trabalho que se fez e de todas as lutas que existiram: que seja polémico o casamento das pessoas do mesmo sexo é uma coisa que não me cabe na cabeça. Como é que se pode pôr em causa os direitos de escolha das pessoas, como é que não se percebe que se está a discriminar, porque as pessoas depois adoecem e não podem ter a pessoa com quem viveram toda a vida perto de si, as pessoas não têm os direitos de herança que têm os outros casais. Portanto, como é que essa ainda é uma questão hoje, que achamos que somos modernos e libertários? Não se trata de se concordar ou não concordar, ou achar mais ou menos estranho, como é que a pessoa se pode arrogar vetar a vida de alguém? Como uma lei se pode arrogar o direito de decidir a vida íntima das outras pessoas, no século XXI? Neste aspecto, tive muita sorte, tive uma mãe que toda a vida me disse que gostava de ter nascido no século XXII e que ainda hoje mo diz. Tive aquela fase em que dizia: quem me dera ter nascido no século XIX, para ter aqueles vestidos como do *E Tudo o Vento Levou*. E, para ir aos bailes, aos 15, 16 anos, tinha esses devaneios, e a minha mãe dizia: que horror! Os espartilhos! A vida, era tudo um drama! Se queres dançar a valsa, danças! Gostas de música clássica, podes ouvi-la! E, de facto, ela vivia sempre a estranhar que as coisas não andassem mais depressa, quer tecnologicamente, quer mentalmente - o culto das aparências e os cargos e as solenidades. A minha mãe era e é muito terra-a-terra, muito ligada à vida real e acredito que ela está na base da minha reflexão sobre os valores. Como é que as pessoas de esquerda podem compactuar e silenciar a violência dos extremistas árabes e fazer dessa violência uma causa da esquerda? Como é que se pode dizer que na cultura cigana tem de se respeitar a tradição e deixar que tirem as meninas da escola tão cedo para as casar? Como é que aceitamos

ser tolerantes contra a intolerância, sem pensar nisso segunda vez e dizendo que são variantes culturais? Portanto, a multiculturalidade, para mim, tal como é vista hoje, não faz sentido nenhum!

FE- A crónica é um género que permite uma sintonia constante com o mundo, espaço de interacção entre o tempo e a memória de uma sociedade, um povo, ou país. Que temas abordados, nas suas crónicas, escolheria para expressar ou definir a voz de Inês Pedrosa?

IP – A voz é aquela coisa que nós não sabemos o que é, ou seja, defendo que um escritor só é um escritor quando tem uma voz, mas isso é a grande busca, precisamente. Sinto que estou a caminho da minha voz como escritora. É uma voz que tem um tom de indignação. Acho que faz muita falta, e está fora de moda na literatura, a indignação. As crónicas que às vezes provocam mais reacção, porque são sobre assuntos como a mutilação genital, ou os atentados contra as mulheres, ou contra crianças ou se reportam a factos que estão a acontecer agora e a guerras em curso, ou a justiça em Portugal, e que escrevo muito a quente - procuro não escrever muito em cima da hora, o que às vezes acontece, para ainda ter tempo de rever, até para não me distrair, para que não me perca eu mesma, não perca a força do que digo pela veemência ou pela revolta - , mas acho que essa revolta faz falta e sinto que as coisas que mais me revoltam são as que me fazem escrever com mais força, com mais vontade. Lembro-me de que escrevi uma vez uma crónica sobre a violência sobre as mulheres, por causa de uma atriz francesa conhecidíssima, foi há dois ou três anos, que foi morta pelo namorado, que era um cantor, também conhecidíssimo. Mas, na altura, apareceram umas capas, em França, de umas revistas, a justificar o crime com «o amor extremo», que é outra fraude que se vende às mulheres, outra armadilha, o amor violento. E escrevi essa crónica, gostei imenso de a ter escrito. Estava com uma intoxicação alimentar fortíssima - é tão engraçado o efeito que a raiva tem sobre nós: eu, que nunca tinha tido uma intoxicação, nem sabia o que era, senti-me muito mal, e tinha a crónica para escrever e escrevi-a! Depois é que fiquei tão mal que durante três dias estive num quarto fechada às escuras, nem ler podia, dormia, acordava... Como é que escrevi aquela crónica? Tinha de escrevê-la naquele dia mesmo. Pensei: é tão forte o efeito da revolta e da raiva que acaba por ser uma adrenalina. Acredito que faz falta agitarmos as pessoas, porque somos tão bombardeados com acontecimentos globais que parece que já não vemos que são pessoas que estão lá dentro e também já não vemos a forma como as histórias nos

são dadas e isso significa o prolongamento dos preconceitos e dos estereótipos que temos.

Uma outra crónica que me deu imenso gosto foi sobre uma capa do *Nouvel Observateur*, que é de esquerda, com uma mulher nua, associada à filosofia. Eu pensei: aqui está uma maneira de vender papel pretensamente com um tema feminista... Os filósofos e as mulheres, portanto, não se cruzavam. Escrevi um texto sobre isso, não sobre o que Aristóteles e Platão tinham escrito, mas sobre a visão contemporânea de que há os filósofos e há as mulheres. Até porque ainda hoje nós assistimos ao nível da escrita a uma disparidade de situações e reacções. Quando a Agustina dava entrevistas onde dizia que escrevia bem, isso era comentado e troçado como vaidade. O António Lobo Antunes chegou a Parati e disse: escritor genial, em Portugal, só eu... E foi aplaudido. A Agustina disse sempre: “eu escrevo bem”, mas nunca disse: “sou só eu”.

Voltando à indignação, o português indigna-se pela calada, queixa-se no café. As pessoas dizem-me: «ah! Tens uma coragem!» Não tenho coragem, tenho a obrigação de viver em liberdade, porque ainda me lembro da não liberdade e porque o meu pai tinha um grande amigo que fez parte do grupo dos capitães de Abril, que fizeram aquela revolução lindíssima, sem derramar sangue, para a entregar à população civil. Agora tenho uma filha. Um filho coarctava-nos um bocado a liberdade, mas, para alimentar a minha filha, eu seria capaz de tudo, até de me prostituir. No filme *Tudo sobre a minha mãe*, do Almodovar, o filho pergunta à mãe: tu por mim serias capaz de te prostituir? E ela responde: eu por ti já fui capaz de tudo. Mas abdicar daquilo que eu sou, da minha liberdade e de dizer a verdade, não. Ocultar uma infâmia ou a maior parte das pessoas que são injustiçadas nos locais de trabalho por isto e por aquilo também não. Digo: falem, protestem! “Ah não, porque depois ainda é pior...” Então é porque querem singrar no sistema! Se não põem em causa o sistema, não se podem queixar dele! O problema em Portugal é que se quer sol na eira e chuva no nabal, agradar a gregos e troianos... Estou sempre disposta a ajudar as pessoas, mas não a passar por cima de uma injustiça.

E, com as crónicas, passou-se uma coisa muito bonita. Houve uma altura em que estava uma enfermeira presa, antes de a lei do aborto ser aprovada. Foi denunciada por fazer abortos, apanharam-lhe papéis, descobriram a casa onde ela os fazia e ela foi condenada a oito anos de prisão por uso de drogas. Porquê? Porque ela comprava a medicação no hospital onde trabalhava e não disse os nomes para não incriminar os médicos, mas nunca teve nenhum caso de ninguém que morresse ou que ficasse mal. Ela fazia aquilo

profissionalmente, só que são drogas que saem do hospital ilegalmente e foi o bode expiatório. Depois, lá livraram as mulheres, mas ela ficou com oito anos de prisão. Escrevi uma crónica dizendo que não era possível que não houvesse um movimento para libertar aquela mulher, que era o símbolo de tudo o que estava mal e da hipocrisia e que se devia fazer um abaixo-assinado para pedir um indulto ao Presidente da República, o que é sempre possível. Comecei a receber imensas assinaturas e respostas para o meu *email* ou para o *email* do Expresso. Acabei por arranjar um *site*, com o apoio de juristas. Depois, na campanha do aborto, vi muito isso: as pessoas que querem apoiar são muitas, mas as que querem trabalhar mesmo são sempre muito poucas. O que é verdade é que se juntaram já não sei quantas mil assinaturas. É que eram precisas 5000 para terem acesso ao Presidente da República, que ainda indultou para metade a pena da mulher, da qual já tinha cumprido metade. Para mim, o poder real é transformar qualquer coisa que achamos que está mal. Essa sensação é inebriante... Às vezes, não me apetece escrever a crónica, mas penso: tenho este espaço e este poder, que é o poder da palavra, que mobiliza e a escrita pode transformar. Eu vi, ela transformou a vida daquela mulher, recebo imensos *e-mails* de gente a dizer: «não chego a perceber bem qual é a sua posição política. Mas agradeço-lhe o ter-me chamado para eu pensar livremente». Nós produzimos muito pouca filosofia e a filosofia que produzimos vem do exterior: é o Eduardo Lourenço, que vive em França; o José Gil que viveu muitos anos em França; o Boaventura de Sousa Santos, que passa muito tempo no Brasil. Os que vivem cá em permanência têm muito medo de dizer qualquer coisa que seja mal vista. Foi sempre muito assim.

FE- Perguntamos ainda se tem consciência da ponte que faz entre o Brasil e Portugal, através da palavra escrita, onde os seus textos são muito bem acolhidos. A primeira viagem ao Brasil é feita em 1999. Quer contar-nos em que circunstância se dá?

IP – Fico muito contente de saber. A minha história com o Brasil é o conto de fadas da minha vida. Tinha um grande amor pela música brasileira e pela literatura brasileira desde muito jovem. Em 99, houve uma grande embaixada de escritores para a Bienal do Rio, comissariada pelo Eduardo Prado Coelho com José Saramago no seu papel de *mister* Nobel a liderar as hostes. Iam para aí uns trinta. Eu vivia com o Fernando Pinto do Amaral, pai da minha filha, que ia nessa comitiva. Ele perguntou: não queres ir? Sempre manifestara desejo de conhecer o Rio. Quando chego lá, o próprio Eduardo Prado Coelho, coisa que lhe agradeço, veio-me mostrar uma página inteira do jornal *O*

Globo sobre o meu livro *Nas Tuas Mãos*, escrita pelo crítico Paulo Roberto Pires, a dizer maravilhas do livro. Depois, havia uma noticiazinha sobre a delegação, onde se dizia que a autora daquele livro, que ele tinha lido em edição portuguesa, ia na comitiva, como mulher de um poeta e não como escritora, o que dizia muito sobre a realidade portuguesa, porque iam mais homens que mulheres e ia uma escritora que ia como mulher de um poeta. O Eduardo sentiu-se atingido no seu feminismo, ele foi também um grande embaixador do Brasil em Portugal, muito atento, quer à literatura brasileira, quer à crítica e aos jornais brasileiros. Então disse-me isto: este crítico é muito bom, escreve muito bem e, se ele diz que o teu livro é bom, é porque é bom e eu tenho que o ler. Eu respondi: olhe, ainda bem, muito obrigada! Se não te importas – acrescentou ele – vou pôr-te no programa para vires às Universidades. Entretanto, depois passou-se uma cena muito engraçada. Andávamos em camioneta, para a Biblioteca Nacional, para a Academia Brasileira de Letras, a ver vários monumentos, e lembro-me de ver um rapaz de óculos a chamar: Inês! Inês! Andámos um dia inteiro e lá descobri esse tal Roberto Pires que, mais tarde, fez uma entrevista comigo. Depois, ficámos muito amigos, tendo-me apresentado a outros jornalistas. Tenho um projecto no Brasil para fazer uma peça sobre Mariana Alcoforado, mas trazida para a contemporaneidade. Foi uma produtora de televisão, amiga do Paulo Roberto Pires, a quem ele deu o meu livro para ler, que veio a Lisboa procurar-me. A partir daí, estabeleci uma rede.

Depois, houve uma série de outras coincidências maravilhosas, em 2004. Há essa relação de amizade muito forte que ficou, tanto que *A Eternidade e o Desejo* é dedicada ao Paulo e a esta amiga de quem eu vou falar agora, que é uma estudiosa brasileira, chamada Maria Lúcia Dal Farra, uma das pioneiras dos estudos de literatura portuguesa, uma mulher que gosta muito da literatura portuguesa já desde os anos 60, 70, que esteve cá, fez a tese sobre o Virgílio Ferreira, escreveu sobre Augusto Abelaira, sobre Cardoso Pires, sobre muitos escritores dessa geração e a mim tinham-me pedido em Portugal para fazer um prefácio a uma edição de cartas inéditas da Florbela Espanca, que tinha um aparato crítico e académico da Maria Lúcia. Fui convidada para a Universidade de Berkeley como escritora residente, onde encontrei a Maria Lúcia Dal Farra, que eu não conhecia, no momento em que eu estava a fazer o prefácio para o livro dela. Confidenciei-lhe: é extraordinário, pediram-me para fazer um prefácio para a sua edição. E ela respondeu: pois é, e eu queria conhecê-la há tanto tempo, porque tinha lido *Fazes-me Falta*, do qual gostei muito e passei a um grande amigo, o José Miguel Wisnik, que é professor de literatura na USP e músico. Dois anos depois, ia encontrar-

me com ele, em Berkeley, mas acabei por adiar essa viagem, porque ia com a Agustina, que adoeceu, e ele foi. Portanto, houve um desencontro. Vim, entretanto, a encontrar Wisnik aqui em Portugal, quando ele veio fazer um espectáculo, tornei-me amiga dele e de um outro estudioso brasileiro que conheci em Berkeley e que morreu há pouco tempo, Haquira Osakabe, um grande especialista de Pessoa. Passei a conhecer muito mais escritores brasileiros, que Haquira me deu a conhecer, embora seja especialista em literatura portuguesa. Ele é um grande apaixonado da Agustina e eu, que tinha inicialmente contactos no meio jornalístico, passei a ter também contactos académicos, por via dessas pessoas que são grandes seres humanos, além de serem excelentes académicos. Queria que Haquira viesse ao Congresso do Pessoa, mas, infelizmente, já não pôde vir. Cada vez que eu vou ao Brasil, conheço alguém. São assim encontros centrais com pessoas que se tornaram muito importantes na minha vida.

Na segunda vez que fui ao Rio, o Paulo quis fazer-me uma surpresa muito comovente: no jantar, em casa dele, apareceu o Caetano Veloso, que eu amo de paixão há muitos anos. Tinha-o entrevistado duas ou três vezes, quando tinha vindo fazer um concerto em Lisboa, nos anos 80. Tinham-me pedido um texto sobre o Brasil para a *Egoísta* e uma amiga, editora, sugeriu: escreve uma carta ao Caetano, dizendo porque é que gostas do Brasil. Tinha acabado de escrever quando ele chegou. A minha amiga fez-lhe chegar o texto e, depois, no concerto, ele dedicou-me um fado que a minha avó me cantava. Ouvi-o: eu gosto muito de cantar fado de vez em quando. Há um que eu ando a ensaiar há muito tempo, que nunca cantei em público e é muito difícil. E ele explicou: o corte das palavras e a pronúncia são muito diferentes dos do brasileiro. Ando há anos a tentar e não sei porque é que insisto tanto num fado tão complicado, mas esta tarde percebi porque é que eu andava a experimentar este fado: era para o cantar para uma pessoa, para a Inês Pedrosa. Desatei a chorar. A partir de então ficámos com uma relação muito próxima.

O estudo de Maria Lúcia sobre as cartas de Florbela está escrito com muita clareza. O prefácio não fala da análise literária, até porque essa já estava feita, mas fiz um texto mais poético, do meu ponto de vista como leitora e, do ponto de vista ensaístico, sobre o que se considera poesia séria e não séria, sobre os preconceitos que há em Portugal e no Brasil não, a este respeito.

A *Descoberta do Mundo* é o livro dela de que gosto mais, à parte os Contos de *A Legião Estrangeira*.

São só dez anos de uma relação tão densa e tão profunda com o Brasil, mas dois ou três dos meus principais amigos são brasileiros e tenho mesmo falta de lá ir: por um lado, por essas pessoas; e, por outro lado, porque sempre que aterro no Brasil sinto-me cheia de energia, sinto-me compreendida.

FE – Que palavras escolheria para traduzir o que foi conquista e o que ainda é anseio na história da trajetória das mulheres?

IP – É mais fácil começar por aquilo que ainda é anseio: o respeito e o fim do paternalismo bem-intencionado, que é pior do que o machismo mal intencionado, porque mais subtil. Engana mais... Quanto ao que foi conquistado, apesar de tudo, uma dose grande de auto-estima e direitos civis... Mas falta conquistar também o direito à mediocridade. Não suporto ouvir dizer a alguns homens que pensam que são feministas que fazem falta mulheres na política, porque têm outro olhar e porque têm outra capacidade. Não: elas têm que estar porque é justo, porque são metade da população. Acho que nunca haverá o mesmo número de mulheres incompetentes que de homens, porque as mulheres esforçam-se mais e porque culturalmente têm vantagens. Como sempre tiveram que fazer muita coisa, as mulheres são estereofônicas e os homens são monofônicos: um homem não é capaz de fazer duas tarefas ao mesmo tempo. Às vezes, alguns são capazes de fazer duas, mas nunca três, quatro, ou o que for preciso, como as mulheres. Rio-me com uma amiga, que também tem montes de trabalhos e escreve, porque estamos a mexer a sopa, ela está ao telefone comigo, eu a ralhar com a Laura a dizer para não pôr os dedos na ficha enquanto o marido lhe pergunta ela se a camisa está passada. Esta capacidade de tomar conta de tudo ao mesmo tempo é culturalmente muito feminina. Os homens não estão preparados para tratarem de tudo. As mulheres têm radar e os homens são educados para serem obsessivos. Eu, que nunca gostei da Thatcher, nunca gostei de ouvir dizer que ela não era uma mulher, porque era de ferro... Ainda há muito que combater os estereótipos.

Fiquei tão tocada pela figura, pela força, pela escrita da Clarice que a quero pôr como personagem num livro, acho que ela merece ser tratada da mesma forma que Virgínia Woolf e Miss Dalloway ...

Terminamos a nossa conversa com Inês Pedrosa, marcando encontro de novo com ela pela escrita prometida, que promete!